

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 118 A. — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.



14 de Agosto

O Beato Nun'Alvares em ALJUBARROTA

14 de Agosto. Aljubarrota. Uma data e um nome que na vida de Nun'Alvares nos recordam um mundo de glória.

Nun'Alvares era homem de palavra. Prometera aos habitantes de Lisboa que não deixaria passar os Castelhanos a caminho da capital e ei-lo postado no morro em frente da Batalha.

Em Abrantes discutira-se longamente se se devia ou não oferecer resistência ao invasor. Eram tantos... Traziam as últimas máquinas de guerra...

Era uma temeridade.

D. Nuno não estava para conversas. Era a hora de agir. Ou agora, ou nunca. Deixa o rei e seus graves conselheiros e parte-se com os seus homens a caminho de Porto de Mós.

Era o dia 14, vigília de Nossa Senhora de Agosto ou da Assunção de Nossa Senhora ao Céu. Era dia de jejum e abstinência.

Com todos os seus soldados Nun'Alvares jejuava e guardava abstinência.

Vários sacerdotes celebram a santa missa. Nun'Alvares e os soldados assistem e comungam.

E é com esse alimento que se preparam para a grande batalha.

Nun'Alvares sabe que vence. A sua devoção à Mãe de Deus leva-o a prometer-lhe uma capelinha no lugar onde está arvorada a sua bandeira. Venceu e a capelinha lá está em S. Jorge.

Passados três dias de guarda do campo como sinal de vitória indiscutida, o Beato Nuno vai em devota peregrinação a Nossa Senhora de Ceissa a agradecer-lhe o triunfo alcançado.

Na bandeira trazia Nun'Alvares bordada a imagem de Nossa Senhora, mas trazia, bem mais fundamentalmente gravado no Coração um amor filial e nunca desmentido.

A igreja de Santa Maria da Vitória, da Batalha, era o testemunho perene da gratidão nacional por mão de el-Rei D. João I de Portugal.

Bem se pode dizer que a vida de Nun'Alvares e nela mais ainda Aljubarrota anda penetrada do mais suave perfume de amor e devoção à Excelsa Mãe de Deus e Padroeira de Portugal.

A Peregrinação de Julho, 13

Os actos religiosos comemorativos das aparições que se realizaram a 13 de Julho findo no Santuário de Nossa Senhora da Fátima foram assinalados por uma concorrência de fiéis superior à dos anos precedentes em igual mês e dia. Era grande sobretudo o número de peregrinos de Aveiro e Setúbal.

A noite do dia 12 esteve bastante fria, mas, apesar disso, a procissão das velas produziu lindo efeito, tendo-se incorporado nela a quasi totalidade dos peregrinos.

Na adoração geral que durou duas horas explicou os mistérios dolorosos do terço o rev. P.º Manuel Ferreira, S. J., que fez também a homilia à Missa dos doentes.

Nos turnos de adoração que se organizaram até às 6 horas to-

maram parte as peregrinações de Leça de Palmeira, S. Sebastião de Setúbal, Santo Condestável de Lisboa, Ordem Terceira (a Jesus) e Belém.

A essa hora, o rev.º dr. Manuel Marques dos Santos celebrou a Missa da comunhão geral. Comungaram cerca de 5.000 pessoas.

As 8,30 horas, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, celebrou no altar erguido em frente da porta principal da Basílica em construção, tendo conferido ordens menores a seis alunos do seu Seminário e o subdiaconado a cinco.

O venerando Prelado ordenou também de presbítero o rev. dr. Aurélio Galamba de Oliveira, de Aldeia Nova (Olival), antigo aluno do Colégio Português em Ro-

ma e actualmente Prefeito no Seminário de Leiria.

O rev. dr. José Galamba de Oliveira, irmão do novo presbítero, acompanhou as cerimónias da ordenação, explicando-as ao microfone.

Estas cerimónias, tão belas e tão comoventes, tiveram o condão de reunir na esplanada da Basílica enorme multidão de fiéis que, no meio do maior silêncio e recolhimento, ouviam com profunda atenção as explicações dadas à medida que aquelas se iam realizando.

Depois da primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora, que foi precedida da recitação do terço do Rosário em comum junto da capelinha das aparições, o rev. dr. José Galamba de Oliveira celebrou a Missa dos doentes no altar exterior da Basí-

lica, comemorando assim o décimo quinto aniversário da sua primeira Missa, também celebrada no Santuário.

Deu a bênção eucarística aos 116 doentes inscritos e a bênção geral o novo presbítero.

Após a Missa, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, que presidira a todos os actos oficiais da peregrinação, deu a bênção episcopal e benzeu os objectos de piedade apresentados pelos fiéis.

Realizou-se depois a segunda procissão e por fim a cerimónia do «Adeus».

Além das peregrinações organizadas acima referidas, iam-se ainda, entre outras, a de Santa Marinha do Zêzere, Vila Nova de Gaia, Cedofeita (Porto), Abruñeira e Santa Clara de Coimbra.

Visconde de Montelo

Almas amigas

Vai por esse Portugal além um renovado entusiasmo na consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima. Almas apaixonadas de amor à Mãe de Deus não descansam: querem levar todos as famílias a consagrarem-se à Virgem Santíssima.

São almas amigas que querem ver a Mãe de Deus objecto de particular homenagem em todos os lares.

EM TODOS. — Por que não? Se todos somos portugueses e Nossa Senhora é Rainha de Portugal justo é que demos à imagem de Nossa Senhora o primeiro lugar na nossa casa. A paz de que ainda gozamos é obra sua.

Leitor amigo:

Por que não consagra a sua família a Nossa Senhora da Fátima?

Não demore! Faça-o já. E leve outros a fazê-lo também.

É tão fácil... É tão lindo... Mandar vir as estampas da GRÁFICA — LEIRIA.

Preços 5\$00 cada, das grandes em cartolina, e 2\$50 das médias. Mandar logo a importância.

O mês de Agosto tem de ser de muito trabalho até nas Termas e Praias para que Nossa Senhora ocupe na alma e coração dos Portugueses o lugar que lhe compete.

AVISO IMPORTANTE

Aos Chefes de Trezenas

O jornal «A Voz da Fátima» só deve ser entregue mensalmente aos Cruzados que estão em dia com as suas cotas.

O número de exemplares enviados para as freguesias é proporcional às importâncias recebidas em cada Diocese, das cotas dos associados. Quem menos entregou, menos jornais deve receber.

Que nenhum jornal se perca, pois bem caro fica; se o Rev. Pároco for devidamente informado e auxiliado pelos Chefes, ele por sua vez comunicará ao Rev. Director Diocesano o número exacto de exemplares de que precisa.

Haja o máximo apostolado e a maior economia possível. Sejam os Chefes de Grupos dedicados cooperadores dos seus Revs. Párcos, e a nossa Santa Cruzada há-de progredir e triunfar!



Peregrinação de 120 católicos ingleses ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima sob a presidência do Rev. Clarkson, O. P. nos dias 4 e 5 de Julho de 1941. Os peregrinos recebem na Capela das Confissões a Bênção do Santíssimo Sacramento.

Pró Boa Imprensa Cartas de longe por MOSS.

Passou há pouco o dia dos gloriosos apóstolos São Pedro e São Paulo. Dia dedicado à Boa Imprensa. Dia em que a Igreja relembra a todos o dever que temos de auxiliar a mesma Boa Imprensa.

Todos conhecemos o bem e o mal que tem feito a imprensa, ou antes os homens pela imprensa.

A Igreja nunca foi inimiga, nem teve medo do progresso ou da ciência, porque o seu fundador é o autor da mesma ciência. O verdadeiro progresso e prosperidade fundam-se em Deus.

A Igreja sempre aproveitou as descobertas e invenções da ciência humana para a expansão do bem e engrandecimento da glória de Deus e por isso a imprensa também não lhe podia ficar esquecida. Esta arma terrível tem feito e fará muito bem quando bem orientada, mas também tem feito e fará muito mal quando mal dirigida.

A imprensa hoje é a formadora da mentalidade dos homens. Estes pensam o que pensa o seu jornal. Perfilham e seguem as idéias dos directores e colaboradores do seu fiel companheiro de todos os dias, o jornal.

Não há ninguém nem sequer nas aldeias mais recônditas, que não dê o seu parecer e opinião e esta fundada sempre no «meu jornal assim diz e pensa e eu penso como ele».

A imprensa tem uma influência tal na orientação e psicologia dos povos que é considerada e usada como a arma e meio mais poderoso e eficaz para vencer e dominar os mesmos. E com toda a razão porque os canhões podem vencer, mas nunca convencer.

Só é duradouro o domínio que se aceita por convicção.

Para este resultado só a propaganda, só a imprensa.

Esta de si é indiferente para o bem ou para o mal.

Compete-nos a nós, cristãos, trabalharmos para que seja arma do bem, sirva para levar a todos os espiritos sequiosos da verdade a boa doutrina, o conhecimento do dever e a forma de o cumprir, a abnegação, o amor ao sacrifício e a resignação suavizada com a esperança na felicidade futura.

Temos de trabalhar para que a boa imprensa acessível a todos se oponha à má imprensa, demoralizadora, intriguista, envenenadora das consciências e depravadora dos bons costumes que enaltecem e dignificam o homem.

Todos nós temos de contribuir

com a nossa cota parte. Uns auxiliando-a activamente não só escrevendo e coligindo notícias de interesse, assinando só jornais católicos e trabalhando na sua difusão, mas também angariando meios para a subsistência dos mesmos, e outros passivamente, lendo só os jornais, livros e outras publicações católicas ou pelo menos inofensivas e bem orientadas.

Muito se tem feito e fará quando todos os católicos portugueses, e portanto todos os portugueses compreenderem a grandiosa obra dos Cruzados da Fátima e se inscreverem neste glorioso exército da paz e do bem.

Os Cruzados da Fátima, a obra mais humilde de todas as organizações católicas e a que maiores serviços tem prestado às almas e à Igreja em Portugal nos últimos tempos, além de muitas outras publicações, possui e mantém o jornal de maior tiragem em Portugal «A Voz da Fátima» conhecido em todo o mundo e a que todo o Cruzado inscrito e com as suas cotas em dia tem direito.

Cruzados da Fátima, com as nossas orações e os insignificantes dois tostões mensais temos revolucionado para o bem o nosso querido Portugal, mas sem matar ou ferir, sem arrazar ou destruir.

É necessário que sejamos chefes e não só simples soldados desta bendita Cruzada.

Quem quer ser chefe de Trezena?

Prepare-se e leia o que escrevermos no próximo número a este respeito.

Por enquanto vá já arranjando mais 12 pessoas que consigo queiram formar uma trezena.

Podem ser católicos ou não, crianças ou adultos, vivos ou mortos até.

LEITE MATERNO

Não ha nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplendido.

Frasco, 20s00 Nas boas Farmácias

A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torcicolos, caimbras e frieiras; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incômodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção. FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cuidadosos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8s50 — Boião 13s50

Agentes: José Bento Costa, Lda. Rua do Arco da Bandeira, 136, 1.ª LISBOA



O ECZEMA QUE NOS ENLOUQUECE

Se vós já tendes feito tudo, sem poder curar este Eczema tenaz, ou estas úlceras roedoras, segui o exemplo de milhares de antigos mártires, para os quais o remédio D. U. D. levou a alegria e a felicidade. A fórmula do D. U. D., altamente científica, permite a este líquido fino, antisséptico, emoliente e cicatrizante penetrar nos poros até a raiz de todas as doenças da pele. Sob a pele o microbio é atingido e morto. Desde a primeira aplicação, o prurido desaparece e a comichão cessa. Dentro de poucos dias uma pele nova se forma: sã, lisa e branca.

Auxilia o tratamento empregando diariamente na vossa toilette o célebre sabonete D. D. D.

A venda nas farmácias sortidas.

Depósitos

PORTO — R. Heróis de Chaves, 602

— Telef. 2141.

LISBOA — R. dos Sapateiros, 39, 1.ª

— Telef. 22486.

Minha querida M.ª de Lourdes Eu não quero terminar esta nossa longa correspondência sem te fazer algumas considerações ainda sobre outro ponto importante na educação dos filhos: — as companhias e amizades.

Na escola, na catequese, no trabalho, nas distrações, na vizinhança ou no círculo dos teus conhecimentos os teus filhos hão-de certamente encontrar-se e conviver com crianças e jovens da sua idade; hão-de criar e alimentar simpatias e afeições; hão-de certamente sofrer a influência dessas companhias e dessas amizades.

Influência boa? Influência má? Depende em parte de ti aproveitar uma e evitar ou neutralizar a outra. O que não podes nem deves é isolá-los de todo o contacto, de toda a convivência.

Para isso deves aconselhar e convencê-los a que, tratando todos com caridade, saibam, todavia, dedicar-se ou cultivar a amizade só daqueles de quem lhes possa vir bem.

Procura incutir bem profundamente no seu espírito a lição tão real e verdadeira que o povo nos dá com o seu dizer: — anda com os bons e serás um deles; anda com os maus e serás pior do que eles.

Quantas almas se têm salvo e elevado moralmente pela influência salutar duma amizade santa; mas também quantas arrastadas para o abismo de perdição irremediável por más companhias e funestas amizades. Os exemplos abundam e são de todos os dias.

Vigia e orienta também os seus divertimentos não vão eles transformar-se em ocasião de degradação e pecado. Leva-os a aborrecer os bailes a respeito dos quais já S. Francisco de Sales dizia: são como os cogumelos — os melhores não prestam.

Afasta-os da taberna ou do café onde tantos jovens bebem juntamente com o alcool que embrutece e de-

grada, teorias envenenadas e malsãs que lhes deformam o carácter e mancham a alma; onde tantos gastam não só as suas horas de ócio, mas também as horas destinadas ao trabalho, ao descanso e à vida de família.

E assim bem preparados para a vida com todas as suas lutas e dificuldades, é preciso finalmente vigiar-lhes o despertar do coração para o amor — capítulo importante e delicadíssimo de que, tantas vezes, depende a felicidade de muitas vidas.

Sem deixares de ser firme e severa até, se necessário for, precisas todavia de ser sempre doce e carinhosa para os teus filhos de tal maneira que possuas inteiramente a sua confiança, que eles venham abrir-se contigo sem receio da tua austeridade ou da tua incompreensão para que os teus conselhos e a tua experiência lhes sirvam de guia em assunto tão delicado.

Enfim... só!

OS SALTOS E AS SÓLIDAS ENFIM

comodos, não escorregam, não dilatam, duram... duram... vão quasi sem fim.

ESTÁ FEITA A PROVA

Reprime nêles a tendência que porventura possa surgir de, crianças ainda, terem já veleidades de namoricos. É triste verificar que certas mães acham muita graça aos precoces amores dos seus meninos que mal deixaram ainda as faixas de bebês.

Nada mais encantador que as crianças que sabem ser crianças nas suas brincadeiras, nas suas atitudes, na sua desprezenciosa simplicidade. São essas que no futuro melhor sabem ser homens ou mulheres a valer.

Forma-lhes no espirito uma noção bastante elevada e séria no amor pára que não vão profanar esse sentimento, abençoado por Deus, com namoricos de brincadeira — os flirts tanto em moda e de tão detestáveis conseqüências: rebaixam e mancham muitas vezes a dignidade e secam e esterilizam o coração para uma afeição profunda e verdadeira.

E aqui tens minha boa amiga, as desprezenciosas considerações que me pediste e me pareceram oportunas sobre assuntos tão importantes. E por elas terás visto que a rapariga que casa não o deve fazer com o fim único de arranjar um amparo na vida ou de satisfazer o prazer e vaidade de ter um marido; de ter filhos muito engraçadinhos e muito bem cuidados só por fora para lisonjearem a sua vaidade maternal.

Deve fazê-lo sim com a nobre intenção de realizar plenamente o ideal do grande Sacramento: — ser a mulher forte do Evangelho; a companheira inseparável e leal do marido cuja afeição e respeito sabe conquistar e alimentar sempre; a mãe exemplar dos filhos que o Senhor lhe der, filhos que já estremece antes de aparecerem no mundo e de cuja educação e formação é a incansável obreira até que os veja na posse da bem-aventurança ou até que ela própria seja chamada ao tribunal divino a receber a merecida recompensa da sua missão plenamente realizada.

VOZ DA FATIMA

Despesas	
Transporte	2.155.154\$63
Franq. emb. transporte de n.º 226	4.844\$89
Papel, comp. e impressão do n.º 226	23.119\$35
Na Administração	210\$00
Total	2.183.329\$91

Donativos desde 15\$00

José Barreto Garcia, Torres Novas, 30\$00; D. Purificação Carneiro, Castelo Branco, 15\$00; D. Maria José dos Santos, Câmara dos Lobos, 20\$00; Sebastião Martins Dias, Niterói, Brasil, 70\$00; D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda, Lisboa, 20\$00; Luís de Oliveira, Asselceira, 20\$00; D. Guilhermina dos Reis Silva, Vila do Porto, 20\$00; Dr. Afonso Lopes Vieira, Leiria, 20\$00; Júlio Marques da Silva, Porto, 20\$00; D. Júlia Azevedo, Lisboa, 20\$00; José Mendes, Telhal, 20\$; D. Alice Ferreira, Porto, 15\$00; D. Maria Cheia Garcez, Cantanhede, 20\$00; D. Antónia do Carmo Romão, Pera, 20\$00; D. Maria Cândida Raposo, Lomba de S. Pedro, 60\$00; D. Maria de Lourdes Matias, Faial, 30\$00; D. Luísa e Mariana Morais Simões, Lisboa, 50\$00; D. Maria Ana Gamito, Lisboa, 20\$00; José Moreira Lopes, Paço de Sousa, 20\$00; D. Júlia Reto Relvas, Porto, 22\$50; Graciano Garcez Palha, Alenquer, 20\$00; D. Mariana de Borja de Almeida, Palmela, 15\$00; José da Costa Sampaio, Lousada, 20\$00; D. Palmira Freire, América, 150\$00; D. Irene de Jesus Agular, Luanda, 20\$00; Júlio Augusto Guedes, S. Pedro do Sul, 20\$00; Júlio António Cardoso, Lamego, 20\$00; Júlio António Cardoso (Tio), ibidem, 20\$00.

Uma linda lembrança para as catequese é o album da Fátima com 65 gravuras do Santuário. Para quantidade descontos especiais. Pedidos à Gráfica — Leiria.

A invocação suprema

POR BERTHA LEITE

Quem nunca assistiu às preces feitas no fim da missa dos doentes na Fátima, a 13 de cada mês, desconhece a realidade dum dos maiores poderes da humanidade penitente e contrita. Os apelos à misericórdia e intercessão da Virgem do Rosário aparecida na Cova benedita da Iria, parecem alcançar imediatamente as culminâncias celestes.

E como se o Céu estivesse tão pertinho de nós que sentíssemos tocar-nos em gestos de carinho e piedade a mão dulcíssima de Jesus...

Jesus correndo ao chamamento de Sua Mão que Lhe pede misericórdia para os filhos da terra, ao mesmo tempo que nos aconselha: «Fazei tudo que Ele Vos disser.»

Maria intercede pela humanidade implacavelmente atingida pelos próprios pecados, e ensina o único caminho da salvação: «Fazei tudo que Ele vos disser.»

Mas tudo será possível? Eis a nossa miséria humana inquieta.

Que se faça ao menos aquilo que aos tristes pecadores permitir a sua fraqueza, em demonstração do esforço máximo de obediência ao Senhor.

Quem nunca assistiu às suplicantes invocações à omnipotência do Senhor feitas na Fátima, não pode avaliar o poder milagroso dessas mesmas invocações que nos seguem depois como certezas pela vida fóra:

«Senhor, fazei que eu veja!»
«Senhor, fazei que eu ande!»
«Senhor, fazei que eu viva!»

Qual é a invocação suprema? Qual é o milagre dos milagres? Os surdos e os paráliticos que recuperaram os movimentos e o ouvido, dirão, sempre que o milagre deles é o maior.

Mas enquanto essas afirmações chegam em clamor de gratidão ao Senhor Deus, Todo Poderoso, há apenas lágrimas de ternura nos olhos que não viam mas disseram com fé: «Senhor fazei que eu veja!» e viram.

E essa de-certo a invocação suprema.

Porque os olhos, que rezam sem gritar, vendo e reconhecendo a misericórdia divina, são já a parte imaterial da matéria. Os olhos estão entre o corpo e a alma como transição do que é mortal para a imortalidade do espirito.

Os olhos dão testemunho perene de louvor a Deus.

Por isso aquêles que tiver de facto seguido o conselho de Nossa Senhora: «fazei tudo que Ele Vos disser» mas só esse, recuperará por completo a vista.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPAZIO

A venda nas ourivesarias.

Graças de Nossa Senhora da Fátima DESTINO MAIS ALTO

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria José de Castro Pereira de Sa Sottomayor — Braga, havia sete anos que sofria do estômago, dizendo-lhe varios medicos, entre eles dois especialistas do Porto, que se tratava uma úlcera duodenal.

Experimentou muitos tratamentos sem resultado satisfatório.

Agravando-se a sua enfermidade esteve sete meses em descanso absoluto, tendo por alimento apenas leite e farinhas. De cada vez se ia sentindo mais abatida física e moralmente.

Foi então com o Rev. Pároco da sua freguesia (S. Vicente), D. João Candido de Novais e Sousa (Deão da Sé Primacial) celebrou a santa missa por sua intenção, rogando a sua cura. Prometeu ir a Fátima logo que pudesse andar e alimentar-se.

Consultou depois em Coimbra o illustre Professor da Universidade e Sr. Dr. Alvaro Novais e Sousa que, por sua vez duvidou da existência da úlcera. Novamente radiografada, verificou-se que se tratava duma periduoente, usando então um ligeiro tratamento.

Antes de regressar a Braga foi a Fátima agradecer a Nossa Senhora as melhoras tão sensíveis que experimentava, alimentando-se já como havia muito o não conseguia fazer. Desde então tem passado muito bem e vem cheia de reconhecimento agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

D. Ester Rodrigues Alves e Oliveira — Anadia, diz que, tendo uma filha doente com uma sinusite frontal e maxilar, afirmavam os clinicos que era forçoso ser operada após 4 radiografias que foram tiradas. Havia 6 meses que ia, três vezes por semana, fazer tratamentos ao Hospital, tratamentos estes bem difíceis para a doente e para o médico que a tratava. Lembrou-se então de recorrer a N. S. da Fátima que ouviu os seus rogos. Aconteceu que indo um dia fazer o curativo, antes da operação, o médico encontrou-a curada! Nunca mais fez tratamento algum nem voltou a sentir o seu mal.

D. Lídia Costa Dias Alves Fraga — Lisboa, diz que sofria há 25 anos dolorosamente, duma úlcera duodenal, tendo-se agravado o seu estado até se considerar desesperado. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, apesar do seu enfraquecimento geral, pois havia muito tempo que não se podia alimentar, foi operada com tão feliz resultado que, decorridos 9 dias voltou para sua casa já curada.

Manuel Vitor — Fungalvaz, diz que foi vítima duma explosão de pólvora, sendo conduzido em mísero estado para o Hospital de S. José de Lisboa e daí para o de Santo António dos Capuchos, onde esteve internado 47 dias, ninguém contando que escapasse. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima que ouviu as suas súplicas. Melhorou e já foi cinco vezes com sua família de Lisboa à Fátima em reconhecimento da sua cura.

D. Maria do Carmo Alves — Matosinhos, diz que, tendo-lhe aparecido num seio uma intumescência com que muito se assustou, recorreu confiadamente a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena, no fim da qual e sem intervenção médica, se encontrou completamente curada.

Cários Sampaio — Cepães — (Fafe), tendo sua esposa em perigo de vida, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe a sua corrente de

ouro. Obtida a graça, vem cumprir a promessa da sua publicação.

D. Maria Juliana da Madre de Deus — Lisboa, diz que, tendo conhecimento do estado grave do seu vizinho António Amaral que introduzira um prego no pé originando-lhe uma infecção e não havendo já esperança de o salvar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e foi atendida.

Manuel Justino — Folgosa-do-Douro, diz que, tendo sua mulher gravemente doente com um abcesso na garganta, recorreu a Nossa Senhora da Fátima com muita fé no meio de grande aflição, dando a enferma algumas gotas de água do Santuário da Fátima; isto às 11 horas da noite do 1.º de Agosto de 1936; e quando no dia 2, de manhã, estava para mandar chamar o médico, o abcesso rebentou, ficando a doente aliviada sem dores, e melhorando em seguida.

Belmiro Duarte — Unhais-da-Serra, diz que, tendo sua mulher sempre os partos muito difíceis, tendo tido já dois nado-mortos, salvou o terceiro filhinho devido a uma intervenção cirúrgica. Havia sempre o perigo, segundo afirmava o médico de, em cada um destes casos poder morrer a mãe e o filho. Mas graças a Deus e à intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem recorreu, não sucedeu assim com o quarto filho. Tudo seguiu bem não tendo sido precisa a intervenção médica, ficando mãe e filho de óptima saúde.

D. Maria Casimira Maia Mendonça — Aveiro, diz: «Sofrendo meu filho Frederico, duma inflamação nos olhos que os medicamentos de vários médicos não conseguiram debelar, comecei a lavar os olhos da criança com água da Fátima e ensinava-a a pedir à Santíssima Virgem que a curasse. As melhoras bem depressa começaram a manifestar-se e, antes de ter terminado a primeira novena, estava curado, nunca mais tornando a sofrer da vista.

Agradecem outras graças

- D. Maria Conçe Bettencourt, Graciosa.
- D. Elvira Cândida dos Santos, Fornos de Paiva.
- D. Maria Torráo, de Cascais.
- D. Maria Leopoldina Pinto Gateira, de Ilhavo.
- D. Natália Cabral Oliveira, de Cabinda.
- Manuel António Teixeira Cabral, de Castêdo.
- Guilherme da Fonseca, Vila Verde.
- Felicidade das Dores da Silva, Caminha.
- Guilherme Martins Gonçalves, Guimarães.
- D. Arminda Vieira de Melo da Cunha Osório, Lousada.
- D. Perpétua Barrada, de Carvalho, Ponte de Sôr.
- Manuel Gonçalo, de Leiria.
- D. Maria Augusta Calheiros, Porto.
- D. Custódia Maria da Silva, Vila Verde.
- D. Maria Joaquina da Costa Lima, Porto.
- D. Laura de Matos Ferrão e R., Tortozendo.
- José Maria Fernandes, Ponte do Lima.
- António Ribeiro d'Araújo, Vila Nova de Gaia.
- D. Elvira da Silva Maia, Arcozelo.
- Avelino Vieira, Ponte do Lima.
- D. Adalina Martinho Paiva, Covilhã.
- D. Laura da Conceição Mourinho, ibidem.
- D. Maria Júlia de Mendonça Costa, Lisboa.
- D. Amélia Machado, Leixões.
- D. Emilia de Amorim Rodrigues, Ponte do Lima.
- D. Maria da Conceição Martins, Fânzeres.
- D. Júlia Reto Relvas, Porto.

D. Maria Joaquina da Costa Lima, Porto.

D. Laura de Matos Ferrão e R., Tortozendo.

José Maria Fernandes, Ponte do Lima.

António Ribeiro d'Araújo, Vila Nova de Gaia.

NOS AÇORES

D. Maria Angelina de Jesus Sousa — Angra, agradece a Nossa Senhora a cura da sua mãe declarada incurável pelos médicos.

Agradecem outras graças

- Fernando Augusto Moura, Ribeira Grande.
- D. Elvira Ramos Dias, S. Bartolomeu.
- D. Ilda Adelaide Teixeira, S. Jorge.
- João Carvalho da Silveira e sua esposa D. Maria Rodrigues, Graciosa.
- D. Laura dos Santos, Angra.
- D. Celestina Leonardo de Freitas, Coveira das Flores.
- D. Maria de Lourdes Matias, Horta.
- D. Maria da Glória de Paiva, S. Miguel.
- D. Maria Amélia da Cunha D., do Faial.
- D. Maria do Céu da Rosa, ibidem.
- D. Rosalina Alice Korth, ibidem.
- Domingos de Lacerda Korth, ibidem.

NA MADEIRA

José Damião Henriques, Funchal.
D. Maria Augusta Figueira, Funchal.
D. Amália Alves, Santa Cruz.
Henriqueta de Jesus Lopes, Vale da Serra.

NAS COLÓNIAS

D. Maria Aduzinda Fernandes, Moçambique.
D. Ermelinda da Silva G. Dantas, Nampula.
António João Fernandes, Cabinda.

NA AMÉRICA

Uma senhora promete ser Cruzada perpétua e cura-se

D. Conceição Parada Magano — Califórnia, residente em Oakland — Califórnia, diz em carta à família: Entrei no hospital no dia 13 de Abril passado, del felizmente à luz dois gêmeozinhos. No dia 22 estava em casa, tendo, por ordem do médico, de deixar no hospital uma das crianças que ali estive 7 dias. No dia 24 fui visitada pelo médico que me mandou recolher à cama. Um mal nunca vem sr. Adoeceu gravemente o meu marido com um principio de pneumonia. No meio desta aflição Nosso Senhor não me faltou com a sua providência. Lembrei-me da recomendação que vinha na Voz da Fátima. Prometi então inscrever-me como membro perpétuo da Pia União dos Cruzados da Fátima. Os meus rogos foram atendidos. Meu marido melhorou, graças a Deus. Não sei como agradecer a Nossa Senhora tão grande milagre.

José e Constance Pacheco — New Bedford, agradecem a cura de sua filha Julieta, de 9 anos de idade.

William Burk — Borlindale Man, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura dum seu filhinho de 4 anos. Conta assim: «Trabalho, nos momentos livres, no mosteiro das Clarissas e pedi às Religiosas para rezarem pelo meu filhinho, doente de pneumonia, a 2.ª em 2 anos. A Rev.ª Madre deu-me então água da Fátima para dar a beber à criança o que minha mulher fez de manhã à noite. Ao 3.º dia a temperatura desceu, e à tarde, era normal.

Quando veio o médico nesse dia, não podia compreender como em tão pouco tempo os pulmões se tinham curado.

No dia seguinte, a criança estava bem! Mil louvores sejam dados a Nossa Senhora da Fátima.

Agradecem outras graças

- D. Adelaide Days, Power Street Providence.
- José Mello Almeida, S. Francisco da Califórnia.
- Leonardo M. Cravetto, Visalla, Califórnia.

Leia o livro Palavras dum médico e ficará encantado com a prosa simples e elegante das pequenas crónicas médicas dum illustre lente da Escola Médica do Porto, sr. Doutor Pires de Lima.

Pedidos à Gráfica — Leiria.

— *Menina Joaninha... tenho aqui uma carta para si...*

A filha do Morgado que, apesar dos seus quinze anos quasi feitos, corria como uma criança — que de facto era — atrás duma linda borboleta amarela toda listrada de preto, estacou e fixou os olhos encadeados do sol na sebe de buxo engrinalhada de glicínias de onde lhe vinha aquela voz.

— *Uma carta? ... É da sr.ª professora?*

— *Nan senhor... A menina lá vê...*

Por entre o buxo apareceu uma mãozita denegrida segurando por uma ponta um sobrescrito fechado que Joaninha se apressou a receber.

— *É dela... pois de quem havia de ser?* — monologou olhando o endereço enquanto se ouvia a restolhada do rapaz safando-se. *No entanto* — continuou — *a letra não se parece muito e, depois, esta cerimónia toda...*

Mas já o sobrescrito estava aberto e, ao passo que ela percorria a carta até à assinatura, corava e empalidecia alternadamente e ficava-se sufocada com os olhos cheios de lágrimas de indignação e, mais ainda, talvez de pesar.

Na véspera, a festejar o exame do irmão, tinham os pais permitido a este que convidasse para o jantar os rapazes mais amigos e residindo a perto, alguns que com elle cursavam o liceu de Coimbra. E claro que vieram também o seminarista Fernando M., um dos mais íntimos da casa e ainda aparentado com a família do Morgado. A carta era dele e só agora Joaninha dava conta da diferença que, no dia anterior, lhe notara na atitude para com ela e do sentido de certas palavras que lhe dirigira...

E agora outro motivo a affligia. Tinha sido precipitada em abrir a carta. Não o fizera por mal, mas devia ou não ir mostrá-la à mãe?... havia de guardar só para si esse segredo — o único que jámais tivera?...

A tal borboleta volteava de novo na sua frente. Joaninha olhou-a, bem como o jardim em volta, melancolicamente. E pensava que deveria ser assim triste o primeiro olhar de Eva sobre as belezas do Paraíso depois de conhecer a existência do mal...

De súbito, porém, animou-se e o seu sorriso entre as lágrimas fazia lembrar um raio de sol batendo numa flor orvalhada. Que tonitice! Era tão simples! Iria ter com o sr. Prior que a aconselharia, que a ajudaria. O melhor, sem dúvida, seria ver se alcançava licença dos pais para ir passar o resto das férias grandes com a madrinha. E, quando se chegasse às férias do Natal, Nosso Senhor providenciaria. Por agora, o que importava era que o rapaz não tornasse a vê-la.

— *Sim!* — rematou cheia de confiança e fervor. *Nosso Senhor bem sabe que su antes queria... sei lá o quê... mesmo morrer... mesmo uma doença má que me desfigurasse o rosto, do que ser causa de que se perdesse aquela vocação!*

Depois meses depois, o pai de Fernando falecia e a mãe ia residir com a família no sul do país onde o seminarista, desde então, passou sempre as férias e onde é hoje sacerdote exemplaríssimo.

Dez anos tinham decorrido desde o episódio do jardim junto da sebe florida que o separava das terras de semeadura. Grande festa ia no solar do Morgado onde Joaninha, que era a filha mais nova, continuara a residir após o seu casamento com o médico da vila vizinha. Celebrava-se o baptizado do terceiro anjo que o Senhor lhe enviava — desta vez um rapaz — e os sonhos dos pais e avós em torno daquele pedacito de gente — botãozinho avermelhado a emergir duma nuvem de rendas e cambraias — eram dum arrojo inaudito; sábio... herol... santo... Quem sabe?

No regaço materno repousa elle agora. Joaninha está só com o seu torso enquanto no salão de mesa se serve o almôço de gala presidido pelo Pároco e do jardim, pela janela, tô-

da alerta a um dia radioso, lhe chega aos ouvidos o tagarelar das filhitas que uma velha criada vigia e admoesta.

— *Meu Jesus, eu vo-lo ofereço!* — repete fervorosamente Joaninha erguendo o coração ao Céu e sobre elle o filhinho adorado. *Minha Mãe, Maria Santíssima, eu vo-lo conjo! Abençoa-o... guiai-o!... E, se fôr para dar maior glória ao Senhor, obtende-lhe a graça — e a perseverança — da vocação sacerdotal: o destino mais alto!*

Na voragem dos tempos esvaem-se mais dez anos... outros dez... e quasi outra dezena ainda.

Na Cova da Iria, numa destas últimas noites de maior afluência de peregrinos, à cabeceira dum doente internado no Hospital, encontram-se casualmente, diria o mundo — dois sacerdotes: um de meia idade, outro jovem ainda.

É a primeira vez que se encontram e, todavia, o mais velho, enquanto conversam sobre diversos assuntos, fixa com curiosa insistência o outro como se já o tivesse visto ou lhe recordasse alguém muito conhecido.

A certa altura não se tem que lhe não pergunte como se chama, mas tanto o nome de baptismo como o apelido lhe são absolutamente estranhos.

— *E de onde é?*
— *Dos arredores de Coimbra, de...*
— *Como se chama sua mãe?*

E o Padre Fernando — que outro não é — toma afectuosamente as mãos do moço levita que o olha por seu turno surpreso e curioso.

— *Joana de... para muitos ainda, na nossa aldeia, a Joaninha do Morgado... Conhece-a?*

— *Conheci... Se é mesmo a cara dela!... Está cá?*

— *Sim... mas quem sabe agora onde encontrá-la... Ficou na Capelinha das Aparições, há-de haver duas horas... Vem cá muitas vezes e diz que nunca acaba — nem nunca acabará — de agradecer à Virgem da Fátima a graça...*

— *De ter dado um Ministro ao Senhor, não é assim?... Pois bem! Há-de dizer-lhe... que não foi um: foram dois! E que, portanto, de hoje para o futuro, faça sempre os seus agradecimentos em duplicado — por nós ambos!*

Comovidamente, os dois sacerdotes abraçaram-se. Sabiam quanto deviam a suas mães e que sem as orações delas, sem os seus sacrificios, conselhos e carinhos, difficilmente teriam alcançado a meta sublime do sacerdócio. mas o Padre Fernando considerava ainda maior a sua dívida para com a virtuosa Joaninha.

M. de F.

A "VIOLETA da FÁTIMA,"

Estampas com o retrato da vidente Jacinta em off-set, edição registada da Casa de Nossa Senhora das Dores, da Fátima.

Estampas duplas com pequena biografia e duma breve súplica implorando a graça da sua beatificação: cada uma esc. \$40. Estampas simples só com a referida oração: cada uma esc. \$20.

Pelo correio, até 50 exemplares, mais esc. \$30; à cobrança, até 50 exemplares, mais esc. \$90.

Em número superior a 100 faz-se o desconto de 10%.

Vendas a dinheiro ou à cobrança.

Pedidos à Administração da «Stella» — Cova da Iria — Vila Nova de Ourém.

Este número foi visado pela Censura

PALAVRAS MANSAS MISSA NA CADEIA

Na descrição da cadeia Camilo foi precursor dos romancistas russos, que Vogué estudou num livro que lhe abriu rapidamente as portas da Academia francesa.

A sociedade é uma grande injustiça organizada. Sugere e fomenta o crime, e quer puni-lo com uma dureza intransigente e cruel.

Nestes escritores, que tanta fama tiveram, as descrições são, a espaços, realistas, mas as doutrinas são falsas. A ressurreição, que prometeram, veio a confundir-se com as labaredas do inferno bolchevista... Exponentes da alma escrava, que vive sobretudo da abstracção e do sonho, acreditaram, com Rousseau, na bondade inata do homem, que, à mercê dos seus instintos, é para Taine um animal carniceiro.

A cadeia de hoje apesar de ter mais arranjo interior e luz moral, lembra ainda as páginas de Camilo, repossadas de insubmissão, amargura e ironia.

Não se ouve o piano romântico de D. Ana Augusta Plácido, mais do que indiscreto, irritante para os burgueses que, a horas certas, passavam pela Cordoaria a caminho dos seus negócios. Ouve-se apenas o ruído impertinente e perturbador da limpeza matinal, feita por presos, que se vão reconciliando assim com o trabalho.

Diante do padre que na ceia celebra a missa, em vez do capelão habitual, um empregado da casa vai abrindo velhas portas espessas e pesadas, onde legendas dantescas foram talvez delidadas pelo tempo... Até que se entra numa espécie de balcão, em que está instalada a capela, sem retábulo, muito pobre e muito simples. Dum lado do altar um pequeno órgão, do outro o arco aos paramentos. Em frente dos degraus, lugar para o sacerdote e ajudante e pouco mais.

Por trás da cruz, uma imagem de Nossa Senhora, calcando a serpente do mal, em barôco do século XVIII. As pregas do vestido e do manto parece que esvoaçam, enfiadas por um vento impetuoso. Nas mãos erguidas e juntas como que preme o desejo de se abrir e estenderem. Mãos de Mãe... No olhar, que desce sobre o pátio, há uma inolvidável expressão de amor e de piedade.

Qual a invocação?...
Numa pobre ermida da serra, sem chaves, sem rosas e sem luzes, a fantasia dum grande artista nosso descobriu e cantou, com uma liberdade excessivamente poética, Nossa Senhora dos ladrões. Mas, apesar de estarmos na cadeia, a invocação da Senhora deve ser mais edificante e mais bela.

Os reclusos vêem quasi todos a missa, trazidos pela fé, pelo arrependimento, pela esperança de melhores dias e pela saúde da missa do domingo, tão festiva, grata e bendita na sua terra natal. Da manhã da vida fica sempre alguma coisa na alma, por mais que os homens se transivem.

Pode bem ser que alguns, poucos, venham apenas para se verem depois duma forçada ausência de oito dias entre as paredes e as grades da cadeia. É um daqueles descontos que só a ingenuidade imperturbável se recusa sistematicamente a fazer.

Os reclusos, vestidos de azul escuro, reúnem-se no pátio triangular e soturno; as reclusas ficam por trás das grades, nos janelas altas. Quando começa a missa, num varandim, ali perto, um vicentino da conferência de São Dimas faz o oferecimento dela e reza depois com os reclusos o terço, entremeados de cânticos religiosos, em que há unção e harmonia. Sob este aspecto, nas igrejas, o povo não se apresenta melhor.

A elevação, suspende-se o terço e o canto torna-se mais alto, afirmativo e fervoroso a saudar o Filho de Davide...

O P.^o Sena Freitas ouviu um dia em Notre-Dame o P.^o Monsabré, como ele sabia ouvir para depois nos contar. No *Correio Nacional*, a seu tempo, ergueu a figura do célebre dominicano diante da admiração dos leitores e fez esta observação de carácter experimental: — um grande orador fala sempre sobre uma tripode de almas, que vibram intensamente com elle.

Com alguma semelhança, pode dizer-se, que a missa na cadeia é celebrada sobre a alma dos reclusos. O altar como que vibra e estremece ao sabor da sua fé, da sua devoção e do seu arrependimento...

Ao ofertório, sente-se que estão muito perto com as suas culpas e as suas orações. No momento pelos vivos pensa-se nêles, não se pensa em mais ninguém. A elevação, crê-se que o Corde de Deus consagrado, tão perto dêles, irradia, quasi visivelmente, uma virtude singular de regeneração moral...

Olha-se para a cruz, e vê-se Jesus no Calvário, no meio de dois malfetores — um que desespera e outro que se arrepende, um que vai às ceias para a morte e outro que se vol-

ta para a misericórdia de Jesus, apesar de o ver tão dorido, tão só, tão abandonado...

Dimas, estranha e tocante figura da Paixão, que comovia profundamente, até às lágrimas, a alma de Bossuet.

Pede-se ao Cordeiro de Deus misericórdia e paz, sobretudo para êles, para os presos. Ouve-se ainda a cruz da bênção final a dizer-lhes que é realmente a *esperança única*...

Depois reza-se com êles diante do mesmo altar, da mesma cruz, do mesmo Deus...

Quando o padre sai da cadeia, finda o missa, seguem-no ainda por muito tempo os olhos dos reclusos, que tornariam ainda mais tristes os versos de António Nobre.

Têm as expressões mais diversas — tímidos, firmes, leais, desconfiados, frios, amoráveis, tristes, duros, indiferentes... Mas, nota-se facilmente que há, no fundo de todos êles, humedecido de lágrimas, um apêlo à bondade dos homens e à misericórdia de Deus.

Ainda bem que tem fé e coração o capelão habitual da cadeia.

Correia Pinto

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.^a série)

XII

Deveres da mulher

Durante muitos séculos, os estudantes de medicina, em todas as escolas do mundo civilizado, antes de receberem licença para curar os seus semelhantes, prestavam solene juramento, em que prometiam ter uma vida moral perfeita. Era o célebre juramento de Hipócrates, que se fazia em nome dos deuses da mitologia, nos quais acreditava o pai da medicina. Uma das promessas dos novos médicos era a de que nunca praticariam o aborto.

No século XVI, o célebre médico judeu português Amato Lusitano, imitando Hipócrates, redigiu um juramento semelhante: «Por Deus omnipotente e imortal e pelo seu santo decálogo» prometia o médico ter uma vida sã e, entre outros deveres, proclamava: «Nunca mandei preparar beberagem que pudesse provocar o aborto ou a morte, e nunca me prestei a qualquer acção repreensível nas famílias onde fui chamado.»

No decorrer dos tempos, caiu em desuso o juramento de Hipócrates e tornaram-se cada vez mais frouxos os preceitos morais.

O aborto criminoso pratica-se às escâncaras e são às centenas os cadáveres de desgraçadas mulheres que entram na morgue, por causa de abortos provocados.

A quebra da moralidade, que invadiu o mundo, e talvez um pouco os progressos da civilização moderna, levaram a pôr este problema à classe médica: Quando está em perigo uma mulher grávida, não será lícito sacrificar o seu filho para salvar a vida da mãe?

Está mal pôsto o problema: é certa a morte do filho com a intervenção, mas não há a certeza de se salvar a mãe.

E também não se sabe ao certo se não escaparia mãe e filho, se o médico não praticasse o chamado aborto terapêutico. É tão delicado o assunto que, por muito tempo, os médicos parece que tinham pouca vontade de discuti-lo. Ultimamente, porém, fala-se correntemente da grave questão.

O dr. José de Paiva Boléo publicou há pouco um notável estudo acerca do assunto, na «Acção Médica», revista da Associação dos Médicos Católicos Portuguezes.

O chamado aborto terapêutico é

severamente censurado naquele trabalho. E é curioso notar que o dr. Boléo se serve de argumentos semelhantes aqúelles de que lançou mão o Rev. P.^o Brandão numa das suas belas homilias pronunciadas na igreja de Cedofeita («O matrimónio católico» I, pág. 230).

Mais radical se mostra o autor de um artigo publicado recentemente no «Boletim do Conselho Geral dos Colégios Médicos de Espanha», que incita os facultativos a *nunca autorizar, por qualquer motivo, a provocação do aborto.*

Parece que voltamos, felizmente, à doutrina do «juramento de Hipócrates» que tão esquecido andava. A mulher arrisca a vida quando cumpre o dever de ser mãe. Também o manco tomba, a cada passo, no campo de batalha, morrendo pela Pátria.

Ambos os sexos têm deveres a cumprir. Se o soldado perfeito não hesita em sacrificar a vida, também a mulher quando não se dedica inteiramente ao serviço de Deus, deve cooperar na obra bendita da criação das gerações futuras, obra que nem sempre é isenta de perigos.

J. A. Pires de Lima

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

no mês de Julho

Algarve	5.509
Angra	20.107
Aveiro	7.848
Beja	3.256
Braga	83.134
Bragança	12.066
Coimbra	13.979
Évora	4.733
Funchal	12.463
Guarda	19.051
Lamego	11.593
Leiria	14.411
Lisboa	11.888
Portalegre	11.443
Pôrto	52.144
Vila Real	53.745
Viscu	9.600
Total	316.970

Estrangeiro 3.259
Diversos 13.691

333.920

CRÓNICA FINANCEIRA

Frei Joaquim de Santa Rita, interessante obra intitulada «Academia dos Humildes e Ignorantes», publicada nos meados do século XVIII, que se o Algarve fôsse povoado por gente do Minho, dentro de poucos anos esta provincia se tornaria no canto mais belo do mundo. Isto foi força de expressão para significar a rara energia e capacidade de trabalho da gente do Norte e em especial do minhoto que na verdade é um trabalhador infatigável em qualquer parte do mundo em que se encontre. Ainda agora se deu um pequeno episódio que põe bem em relêvo essas qualidades do minhoto.

Um illustre jornalista da Capital foi, há poucos semanas, fazer uma cura de águas no Alto Minho e em artigo publicado no seu diário dizia, entre outras coisas, que o Minho estava sofrendo de diversas crises (o que é uma triste verdade) mas que por felicidade fôra poupado pelo furacão.

Ao lermos estas linhas (escritas aliás em tom de simpatia por aquela formosa provincia) ficámos de momento surpreendidos, porque poucos dias depois do terrível ciclone tínhamos ido ao Minho e de Coimbra para cima nenhuma diferença achámos entre os estragos feitos no arvoredo para cá e para lá do Pôrto. O Norte fôra todo igualmente fustigado pelo vendaval. Se diferenças houve, foi da Nazaré para o Sul. Daí para cima todas as matas foram igualmente maltratadas...

Hoje, sim, volvidos quatro meses sobre o desastre, os estragos visíveis são muito maio-

res do Pôrto para baixo do que daí para cima, como verificámos na viagem que acabamos de fazer ao Norte, porque o minhoto recolheu já a quasi totalidade das madeiras e lenhas que o ciclone lhe derrubou. Há extensas matas onde não existe já uma única árvore no chão, e nem vestígios se vêem de as ter havido.

O minhoto fez o que todos deviam ter feito: recolheu, e guardou. E pôde-o fazer, devido ao seu génio e também às condições especiais do seu regime de propriedade que, no fundo, é também um produto de seu génio, embora combinado com factores climáticos e históricos.

Como a propriedade é pequena e a cultura intensiva, a generalidade dos lavradores pôde recolher as suas lenhas e madeiras, sem fazer grandes despesas, ou até mesmo sem fazer nenhum gasto, porque lhe bastaram os braços seus e da família para o trabalho, o gado da casa para os transportes e os seus alibóios para guarda das lenhas e madeiras. Ficou tudo em casa.

Nas outras provincias as coisas complicam-se mais. A propriedade é maior, o proprietário para recolher os destroços feitos pelo furacão nas suas matas teria de fazer carros e jornais muito caros, tão caros que bastas vezes valeriam mais do que as próprias lenhas e madeiras a aproveitar. Nestas condições mais lhes vale abandonar-nas ou dá-las, do que recolhê-las e é por isso que fora do Minho há ainda muitos vestígios do vendaval e naquela provincia já mal se conhece que elle também por lá passou.

Pacheco de Amorim

Está ganha a BATALHA

Tem sido longa e difficil a série de trabalhos para alcançar a canonização do grande Missionário e Mártir Português o Beato João de Brito.

Mas era obra de Deus e as obras de Deus têm sempre como distintivo as dificuldades a vencer.

Obra que não tem contradicções pode quasi dizer-se que não é de Deus.

Com uma perseverança admirável o culto do Beato João de Brito foi-se estendendo através do país. Obtiveram-se graças numerosas e muito importantes.

Vieram os milagres. Fez-se um estudo rigoroso em que tomaram parte médicos nacionais e estrangeiros.

Era um facto. Por intercessão do Beato João de Brito haviam-se

obtido duas curas miraculosas. O céu manifestara-se.

Só faltava agora que falasse o Chefe Visível da Igreja o Papa.

Eis que o Papa acaba de falar decretando a solene canonização do Beato João de Brito.

Exulta o mundo missionário, está de parabéns a Companhia de Jesus. Portugal que neste momento se reencominha para a sua gloriosa missão de pregador do Evangelho vê neste facto a bênção de Deus.

Todos os Portuguezes e mais ainda os católicos exultamos de alegria.

João de Brito é uma glória da Igreja, e uma glória de Portugal.

Que venha breve o dia da sua solene canonização são os nossos mais sinceros e ardentes votos.